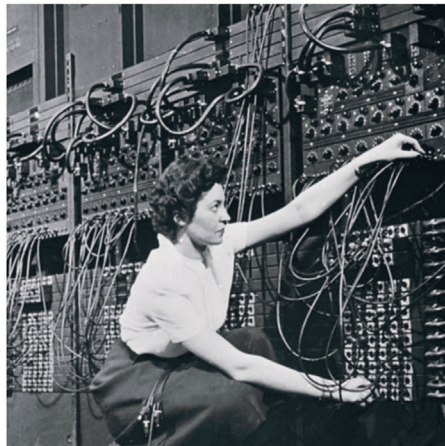


PRÁTICAS DA  
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,  
AND USES OF THE PAST

Nº 14 - 2022



**Editorial**  
**Humanidades Digitais**  
**na teoria e prática da História**

---

**Daniel Alves e Eric Brasil**

*Práticas da História*, n.º 14 (2022): 7-10

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

# **Editorial**

## **Humanidades Digitais na teoria e prática da História**

**Daniel Alves e Eric Brasil**

Já se passaram mais de 30 anos desde que o historiador inglês Robert John Morris, em um artigo intitulado “History and Computing: Expansion and Achievements”, falou sobre uma visão de futuro “na qual nenhum historiador poderia operar sem ser versado em computadores”. Em 1991, ele fazia uma avaliação da última década afirmando que tinha havido “uma revolução qualitativa e quantitativa na relação entre história e computação”. Obviamente, ele estava imbuído de um entusiasmo natural pelas novidades e potencialidades que então se abriram na relação entre o mundo digital e a construção do conhecimento histórico. As mais significativas na época eram a democratização do uso dos computadores pessoais e o desenvolvimento da Internet.

Na viragem para o século XXI, foi a área mais ampla das Humanidades Digitais que começou a consolidar-se. A sua definição tornou-se tão abrangente que houve quem a apelidasse de “grande tenda”. No fundo, tudo o que, de algum modo, vindo das humanidades e relacionado com o digital fosse feito, pensado ou divulgado, encontrava nessa “comunidade de práticas” (como também foram definidas) o seu espaço. Nesse sentido, a consolidação progressiva das Humanidades Digitais, primeiro no mundo anglo-saxónico, paulatinamente numa escala global, foi incorporando e por vezes substituindo denominações anteriores, como “História e Computação” ou “História Digital”, ao ponto de por vezes se diluírem e quase desaparecerem. Com a aceleração da transição digital forçada pela crise pandémica, reflectir sobre o impacto destas dinâmicas no campo historiográfico pareceu-nos relevante e necessário.

A escrita da História e o trabalho do historiador não ficaram incólumes a esta transformação digital. Os métodos da História diversifi-

caram-se e expandiram-se com a maior interdisciplinaridade subjacente às Humanidades Digitais, com as possibilidades de podermos tratar objectos de estudo cada vez maiores, mais complexos, fundados em volumes de dados crescentes. Este olhar marcado pelo digital influencia a maneira como olhamos e usamos o passado, bem como a(s) memória(s) que construímos a partir dele. Mas traz consigo outros tantos cuidados, cautelas e constrangimentos que não podemos ignorar.

Em parte, são estes os enquadramentos que nos permitem ler e apresentar os contributos reunidos neste dossier temático formado por quatro artigos, dois ensaios e uma entrevista. É interessante destacar a recorrente reflexão crítica acerca da relação entre metodologias e ferramentas digitais e as possibilidades de responder a questões historiográficas, ampliar o acesso público dos dados e fontes e, conseqüentemente, as práticas pedagógicas e didáticas do ensino de História.

Nesse sentido, Carlos Torcato, no artigo “Práticas de Humanidades Digitais em Ensino de História com o software Inkscape”, reflete sobre a utilização do Inkscape, software de licença livre e código aberto, voltado para design gráfico, como uma ferramenta didática tanto no ensino superior quanto básico. O autor demonstra como a combinação do uso do software com os mapas disponibilizados na Wikipédia potenciam o desenvolvimento de uma literacia digital junto aos estudantes, capacitando-os para a elaboração de narrativas visuais que ultrapassam o texto escrito e linear.

Roberta Martinelli e Barbosa, em “A cidade do Rio de Janeiro (1808-1850) em dois tempos: uma proposta de mapa digital interativo para o Ensino de História na educação básica”, avança nas reflexões sobre o uso da tecnologia digital como metodologia para o ensino de história. A autora apresenta uma discussão teórica sobre os impactos da História Pública e da História Digital para o Ensino de História e toma como exemplo analítico o mapa digital da cidade do Rio de Janeiro (1808-1850). Construído no âmbito de um projeto de iniciação científica no Colégio Pedro II, em parceria com o Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, o mapa digital, argumenta a autora, possibilita práticas pedagógicas que colocam as vivências de africanos e seus descendentes, escravizados e libertos, da cidade do Rio de Janeiro

no centro da análise histórica, ao mesmo tempo que coloca os estudantes como protagonistas no processo de elaboração da perspectiva histórica.

Além da História Pública e do Ensino de História, a utilização e reflexão sobre ferramentas e métodos digitais para a coleta, organização e análise de dados e fontes históricas constitui uma preocupação recorrente para a História Digital, e também estão presentes no dossier.

Para compreender o papel social e político da atuação do segmento eclesiástico do funcionalismo administrativo durante o período da Monarquia Liberal portuguesa, Sérgio Ribeiro Pinto e Paulo Alexandre Alves, no artigo “Metodologias digitais no estudo da administração periférica do Estado. O caso do clero paroquial (1833-1911)”, caracterizam uma base de dados relacional e de acesso livre, chamada “Registo da Paroquialidade Portuguesa Contemporânea (1833-1910)”. Tal base contém elementos biográficos dos indivíduos e os dados referentes a processos de nomeação junto às paróquias. Assim, os autores buscam apresentar as possibilidades abertas pela referida base para a compreensão da figura jurídica do padroado e as suas especificidades no território português.

Ian Kisil Marino e Thiago Lima Nicodemo, no artigo “Fake news e arquivos digitais a partir da experiência da COVID-19”, colocam a questão dos arquivos digitais frente ao tema das *fake news*. Os autores propõem a reflexão sobre o caráter e papel dos arquivos e traços digitais na era das redes sociais digitais, apontando para sua importância para a História. Tal análise é realizada à luz do contexto da pandemia de COVID-19, e como as *fake news* e as políticas e medidas de combate a elas têm (terão) impactos na construção do conhecimento histórico.

O ensaio de Ismael Wolf, “História Digital, Mineração de Texto e Análise Texto. Algumas possibilidades através da utilização de ferramentas oferecidas pelo Perseus Project”, aprofunda as reflexões sobre ferramentas digitais, coleta de dados e a pesquisa em humanidades. O autor apresenta uma reflexão sobre as Humanidades Digitais e as técnicas e ferramentas de mineração de texto para a pesquisa, através de um comentário crítico do uso do Perseus. Enquanto Patricia Reina, no ensaio “Between Atoms and Bits: Combining Online and Onsite Research to Broaden Analytical Insi-

ghts on Humanities”, discute de forma aprofundada a complementaridade entre métodos digitais e analógicos de pesquisa. Suas reflexões estão situadas no âmbito dos estudos da história do livro, contudo, podem e devem ser estendidas para todas as áreas da pesquisa histórica.

Finalizando o dossier, a entrevista realizada por Joana Malta ao professor Luís Andrade apresenta reflexões importantes sobre um projeto consolidado que ainda se encontra em expansão. Luís Andrade é diretor do programa Revistas de Ideias e Cultura, tema central da entrevista. Através das perguntas de Joana Malta e das respostas do diretor, podemos acompanhar a trajetória do projeto e sua conexão com a emergência do digital na viragem do século XX para o XXI. Trajetória que passou por seminários, grupos de investigação, websites, DVDs e, mais recentemente, pelo portal com mais de 30 revistas. Ao ler a entrevista, podemos compreender os critérios, os métodos, as escolhas e a estrutura digital que formam o portal e a perspectiva que sustenta o programa, sobretudo no que diz respeito ao acesso às fontes, de forma aberta e universal.

\*\*\*

Para além do dossier especial, este número da revista *Práticas da História* inclui ainda um ensaio-entrevista de Giulia Strippoli com o realizador Lorenzo d’Amico. Tomando como ponto de partida o seu documentário *Rua do Prior, 41*, dedicado à relação entre o grupo de esquerda italiano *Lotta Continua* e a revolução de 25 de abril de 1974, este diálogo aborda as interações entre imagem, memória e revolução.

Por fim, na já habitual secção de recensões, são analisadas duas obras recentes que abordam as ligações entre memória e ativismo político. Na primeira recensão, Verónica Ferreira discute o volume editado por Samuel Merrill, Emily Keightley e Priska Daphi com o título *Social Movements, Cultural Memory and Digital Media: Mobilising Mediated Remembrance*. Por seu lado, na segunda, Giulia Strippoli analisa a obra de Elke Weesjes, *Growing up Communist in the Netherlands and Britain. Childhood, Political Activism, and Identity Formation*.